

EDITORIAL

SER OU NÃO SER REVOLUCIONÁRIO

Vivemos em um período de relativa estabilidade das lutas de classes, de calma e sem muitas agitações. Pouco, em nosso cotidiano, nos surpreende. Cada dia que passa, nada parece mudar. É apenas mais um dia, onde o sol nasce no horizonte e se porá depois de 12 horas, onde o que reinará durante esse período será a velha sociabilidade capitalista. Essa relativa estabilidade parece envenenar o ar com conformismo e pessimismo. Este ar envenenado, por sua vez, que cada um de nós respiramos, não tem o poder de envenenar nossos pulmões, mas sim nossos corações, nossa esperança, nossa coragem. No entanto, é exatamente em momentos como este que reafirmar ser revolucionário é extremamente importante. Por mais que ser revolucionário neste período seja mais difícil, por sermos extremamente marginalizados, é isso que ajudará na constituição das condições sociais necessárias para a transformação radical da sociedade. Mas, para não cair nas armadilhas apresentadas pelas relações sociais capitalistas - tais como o obreirismo, reboquismo, ativismo, voluntarismo etc. - devemos entender bem o que significa ser revolucionário.

Ser revolucionário não é apenas acreditar que a revolução ocorrerá de uma hora para outra, sem a necessidade de nossas ações, como se o proletariado se tornasse revolucionário magicamente e destruísse, repentinamente, as relações sociais capitalistas salvando, assim, toda a humanidade de seus “pecados”. Essa crença de que o estado das coisas mudará, apesar de nossa inércia em relação ao mundo que nos rodeia, não passa de uma crença fantasiosa e perigosa, pois a inércia é sinônimo de conservação. *Isto não é ser revolucionário.* O revolucionário pensa estrategicamente e suas ações são voltadas para a concretização da revolução. Contudo, tendo sempre em mente que ele apenas pode contribuir para constituir as condições que tornarão possível a autonomização do proletariado e sua passagem para classe autodeterminada, isto é, revolucionária.

Se engana, então, aquele que pensa que o proletariado é uma classe “santificada”, da qual suas ações representam sempre uma ação revolucionária. Se o revolucionário luta para criar condições para esta mesma classe se tornar

autodeterminada, significa, obviamente, que ela se encontra em um estado de determinação pela burguesia, a classe dominante. Por isso, o revolucionário não pode santificar suas ações, mas criticá-las quando necessário, contribuindo para seu avanço contínuo, pois é ela quem possui capacidade de destruir as relações sociais capitalistas, por se encontrar no coração do modo de produção, por ser a classe que produz riqueza e é expropriada dessa riqueza gerada através de sua exploração e dominação.

Igualmente, se engana aquele que pensa que deve tomar todas as dores do mundo para si, acreditando que se a classe proletária não é revolucionária, basta que ele mesmo seja, tornando-se um agitador, um rebelde que age sem estratégia, e que deseja realizar todas as ações possíveis no intuito de consagrar-se como um verdadeiro revolucionário. *Isto é ser um mau revolucionário*, pois seu objetivo final e real acaba por se perder dentre os labirintos de suas ações voluntaristas. Por mais que desejemos combater, com todas as nossas forças as relações sociais capitalistas, não podemos combatê-las sem estratégia, sem ações refletidas. Devemos sempre pensar no estado atual que se encontra as lutas de classes, saber o que temos condições de realizar num determinado contexto, para daí poder contribuir efetivamente com o processo revolucionário. Muitas vezes, as ações voluntaristas, por mais que sejam bem-intencionadas, acabam não tendo nenhum efeito - porque podem ser ações que não condizem com as necessidades do atual estado das lutas de classes - e ainda geram obstáculos para a luta, uma vez que gasta-se energia para realizá-las sem atingir nenhum resultado efetivo. É necessário refletir bastante antes de despender tempo, energia e forças em alguma atividade, pois, se já é difícil ser revolucionário em momentos de relativa estabilidade, torna-se desgastante realizar ações por elas mesmas, sem estar conectadas com o objetivo final ou sem considerar aquilo que podemos realizar concretamente, de acordo com nossas possibilidades reais. E isso é ainda mais certo se, por acaso, forem ações coletivas, pois pode levar a frustrações e desgastes coletivos levando a desmobilização do grupo.

No entanto, apesar dos erros que podem incorrer os revolucionários - devemos lembrar sempre que eles são seres humanos reais e concretos que estão inseridos nas relações sociais capitalistas -, eles são essenciais e corajosos. Em um

mundo onde reina a dominação, o controle, a exploração e todo tipo de fenômenos que vão contra a natureza humana, os revolucionários são aqueles que protestam e enfrentam esta sociedade desumanizada no intuito de buscar a transformação radical das relações sociais capitalistas e constituir uma sociedade nova, na qual as relações sociais incentivarão as potencialidades humanas ao invés de reprimi-las em nome de interesses mesquinhos de uma classe dominante. Desse modo, entre ser revolucionário ou não, por mais árduo que possa ser, a resposta deve ser: sim, devemos ser revolucionários! Que continuemos revolucionários e apresentemos sempre o antídoto para esse ar envenenado da sociabilidade e mentalidade capitalista.

Enfim, anunciamos, com prazer, mais um número da Revista Enfrentamento, uma das ações do Movimento Autogestionário (MOVAUT) que busca contribuir para a autonomização do proletariado, através da luta cultural contra as ideias burguesas que são hegemônicas na sociedade atual, bem como promove a autoformação dos revolucionários para que os mesmos possam contribuir também com essa árdua luta por uma sociedade radicalmente diferente da atual.

Nesta edição, temos 6 textos. No texto *Marx e Engels: Grandezas e Limites do Marxismo Original*, Marcus Gomes nos mostra que devemos refletir criticamente sobre os pensadores, inclusive Marx e Engels, sem dogmatismos. Viver em um momento histórico posterior a Marx e Engels nos dá uma vantagem analítica sobre a realidade, pois temos a potencialidade de verificar concretamente a validade de algumas afirmações, bem como desenvolver outras com mais clareza.

Em *Crítica À Moral Subjetivista*, Nildo Viana esclarece-nos o que seria moral, moralismo, a intensificação da moralização da sociedade e a utilização da moral por conservadores e progressistas. Também, Nildo Viana aponta as características da moral subjetivista que reina no regime de acumulação integral, período contemporâneo do capitalismo, criticando-a.

No artigo *O Neocolonialismo Intelectual e a Dominação Capitalista na Era da Acumulação Integral*, Cleito Pereira dos Santos expõe a conexão entre o caráter das políticas públicas atuais, o paradigma subjetivista e organizações internacionais com a manutenção do capitalismo e do regime de acumulação integral. Em um período

histórico no qual os intelectuais são determinados pelo paradigma subjetivista, buscam vantagens competitivas no interior de sua esfera social, Cleito Pereira é crítico e corajoso em ir na contramão dos mesmos.

Em *Ernst Bloch e o Sentido Da Utopia*, de Lucas Maia, o autor resgata uma interessante discussão realizada por Bloch sobre o ainda-não-existente. A realidade, além daquilo que existe concretamente, é constituída também por aquilo que não existe concretamente, mas pode vir a existir, pois esta se apresenta como uma tendência do concreto. Para Bloch, o marxismo é o saber que conseguiu perceber e expressar essa característica utópica do real.

Na resenha de Renan Lima intitulada *Elementos Para Uma Teoria Do Movimento Estudantil*, ele analisa o livro *Sociologia e Teoria do Movimento Estudantil* de autoria de Diego dos Anjos e Gabriel Teles. Renan Lima sintetiza as contribuições e limites deste livro para a análise de um movimento social específico - o movimento estudantil.

Por fim, temos uma tradução de um texto de Karl Liebcknecht chamado “*Apesar De Tudo!*”, que conta com uma apresentação que fornece um contexto histórico e social ao texto. Desejamos uma boa leitura! Que este número seja um dos antídotos para o ar conservador que respiramos através da sociabilidade capitalista, nos encorajando a uma luta refletida contra a dominação e exploração burguesa!